

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA | 50 ANOS DE FORUM BERLINALE

3 e 10 de Setembro de 2020

EINE PRÄMIE FÜR IRENE / 1971

“UM PRÉMIO PARA IRENE”

um filme de HELKE SANDER

Realização, Argumento: Helke Sander *Fotografia* (16 mm, cor): Christopher Roth *Som:* Günther Hoffmann, Frank Galubrecht, Dorte Volz *Música:* Ton, Steine, Scherben *Interpretação:* Gündula Schroeder (Irene), Sarah Schumann, Helga Foster, Hanne Herkommer, Käte Jaenicke, Dörte Haack, Ingo Busche, Christian Ziewer, E. Berty, G. Schettling, H. Müller, M. Arndt, A. Becker, R. Minow, C. Görna, A. Bzik, E. Reichelt, G. Grundmann.

Produção: Friederich Kramer (RFA, 1971) *Cópia:* Stiftung Deutsche Kinemathek, 16 mm, preto e branco, versão original em alemão legendada electronicamente em português, 52 minutos *Apresentado no Forum Berlinale de 1971* *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

THE WOMAN'S FILM (NEWSREEL #55) / 1971

um filme dos MEMBROS DO WOMEN'S CAUCUS (SAN FRANCISCO NEWSREEL)

Realização: Women's Caucus, San Francisco Newsreel *Produção:* Cine News (Estados Unidos, 1971) *Cópia:* Arsenal, 16 mm, preto e branco, versão original em inglês legendada electronicamente em português, 43 minutos *Apresentado no Forum Berlinale de 1971* *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

SESSÃO APRESENTADA POR CRISTINA NORD, DIRECTORA DO FORUM BERLINALE

Dupla sessão para uma ficção e um filme documental realizados por mulheres que a mulheres dão a palavra, estabelecendo, neste programa “50 Anos de Forum Berlinale”, ligação directa com ANGELA: PORTRAIT OF A REVOLUTIONARY de Yolande du Luart. EINE PRÄMIE FÜR IRENE é um dos trabalhos de ficção da realizadora, actriz, escritora e activista berlinense Helke Sander (nascida em 1937), realizado para a televisão em 1971; THE WOMAN'S FILM (NEWSREEL #55), o título colectivo produzido, realizado e montado em São Francisco por Louise Alaimo, Judy Smith e Ellen Sorren. Os nomes não constam dos créditos, de acordo com o espírito do colectivo, formado em consonância com a luta pelos direitos das mulheres, aqui abordando a discriminação, a violência e o racismo ao correr de uma série de testemunhos na primeira pessoa.

EINE PRÄMIE FÜR IRENE olha para as questões laborais da discriminação e do assédio, vividas na Alemanha da época através da história de Irene, mãe solteira e operária numa fábrica de máquinas de lavar roupa. O filme, que contempla uma curiosa premonição orwelliana, surge alinhado com as preocupações de Helke Sander, cujo trabalho é sobretudo conhecido pelos títulos documentais que realizou a partir de meados dos anos 1960, após estudos em interpretação em Hamburgo, estudos alemães e psicologia em Helsínquia, e pelo envolvimento no movimento feminista das duas décadas seguintes. Sucedendo ao movimento sufragista que pugnou pela igualdade de género, direito ao voto e à propriedade, o início da “segunda vaga feminista”, em torno do debate das questões da sexualidade, família, trabalho, os direitos sobre o próprio corpo, é mesmo comumente associado ao

gatilho de um discurso de Sander numa conferência em Frankfurt em 1968. No ano de EINE PRÄMIE FÜR IRENE, formaria um colectivo designado “Brot und Rosen” empenhando-se numa reflexão centrada no controlo da natalidade, e do seu currículo activista da época fazem parte a organização de um encontro europeu de cinema feminista em 1973 e a fundação de uma revista de cinema feminista no ano seguinte (*Fraeun und Film*), onde num número de 1977 publica o ensaio “As feministas e o cinema”, sob uma epígrafe de Bob Dylan vinda da contra-capta de um álbum de 1965 que voltou a ressoar em 2020, *Bringing It All Back Home*: “I accept chaos, but I don’t know whether chaos accepts me.”

A história de Irene Ahmt, que se torna “uma super-mulher”, representa a de muitas mulheres em 1971. A data está inscrita como um dado narrativo, sem que o tempo o tenha propriamente desdido como um dado *tout court*; a declaração está no texto em *off* que começa por apresentá-la sobre o som dos passos de uma trupe de trabalhadoras numa saída da fábrica. Irene, que tem dois filhos de quem outras mulheres ajudam a cuidar, um emprego mal remunerado e nenhum namorado, “pensava e ainda pensa que não seria exigir demais ter dinheiro, um trabalho de jeito e amor e as crianças”, “que devia ser possível organizar o trabalho de uma forma justa. E dado que o considera um direito, acontecem-lhe coisas estranhas”. A elas se atira o filme, dentro da fábrica (“Wam – Luxo para quem é exigente”), dentro de um bar frequentado por homens e dentro do apartamento de má construção, renda cara e vizinhança pouco compreensiva de Irene.

Prémios não serão para ela, por aplicada que seja e horas extraordinárias que faça. Não. Fica solenemente dito logo de início pelo director enfiado na pose dos seus circunspectos botões. Questão de luta de classes, imbricada com questões de discriminação de género: a opressão laboral em ambiente fabril no feminino, um ambiente amiúde pulverizado de aromas embora rarefeito em ar respirável e “comicamente” comentado por monitores que exemplificam exercícios de alongamentos para a tensão muscular das operárias, vai sendo exposto nas cenas na fábrica pela intervenção de Irene e as conversas entre trabalhadoras, que chegam a desmaiar de exaustão. A consciência e a zanga das mulheres perante a situação a que são sujeitas, e solidariamente vivem, não fica no espaço laboral, contamina o carácter emancipador de Irene no combate diário à repressão generalizada, que cenas como a do bar ou a da fúria com os vizinhos sensíveis ao barulho das crianças mostra. Por outro lado, EINE PRÄMIE FÜR IRENE não se atém a termos simplistas e sem nunca deixar de estar ao lado da personagem, dá espaço às contradições de Irene.

A consciência política de Irene e das colegas operárias oferece um final em cheio: cumprindo um acto muito concreto e também simbólico, apedrejam a câmara que as vigia em permanência e o alto-falante que em permanência vai debitando música e mensagens ambiente que só podem esfrangalhar os nervos. Isto, é claro, é uma imagem que tem que se lhe diga, tantos anos antes das câmaras de vigilância virem habitar o espaço privado e público com a sua ameaça *big brotheriana*. A raiva é *rock 'n' roll*, despedimo-nos de Irene ao som de *Jetzt ist Feierabend*, da banda rock anarquista alemã Ton Steine Scherben (ou “Sound Stones Shards”, fundada em Berlim Ocidental em 1970), talvez numa piscadela aos The Rolling Stones.

Nem de propósito: THE WOMAN’S FILM arranca com os Stones, na voz de Aretha Franklin, *Satisfaction (I Can’t Get No Satisfaction)*. As imagens vão mostrando gestos de lide doméstica manual em planos aproximados neste “jornal de actualidades” do colectivo feminista de São Francisco. História repescada do Forum Berlimale: o Newsreel foi fundado em Nova Iorque no final de 1967, antecipando uma rede de vários outros colectivos nos EUA que produziam e distribuam filmes em 16 mm

reflectindo os movimentos contra a guerra do Vietname e pelos direitos das mulheres. Foi no seio do grupo do Newsreel em São Francisco, exclusivamente composto por mulheres, que THE WOMAN'S FILM foi realizado. Numa crítica de época publicada na *Film Quarterly* (Outono 1971) foi entusiasticamente defendido por Siew Hwa Beh como um retrato poderoso da opressão pessoal de mulheres da classe operária que tomam consciência da necessidade da acção política e colectiva. "O silêncio é uma manifestação alternativa de opressão." Tornou-se um importante documento histórico, e um dos mais conhecidos Newsreel, que por sua vez – lê-se no capítulo Feminist Criticism de *Movies and Methods: an anthology* (Berkeley, 1976) – "é o mais importante colectivo de realização e distribuição aparecido nos Estados Unidos desde a Worker's Film and Photo League nos anos 1930". A razão do argumento: "Outros indivíduos realizaram filmes politicamente poderosos desde 1968, ano do começo do Newsreel, e outros grupos conseguiram distribuir amplamente filmes políticos, mas só o Newsreel foi capaz de fundir as duas funções numa base colectiva consistente."

O catálogo do Newsreel esclarece: "As cineastas sentiam que os media convencionais tinham desacreditado o movimento feminista por se concentrarem exclusivamente em episódios noticiosos sensacionalistas em detrimento das queixas e reivindicações das mulheres. THE WOMAN'S FILM centra-se fundamentalmente em mulheres trabalhadoras e pobres. Depois de falarem com vários grupos de mulheres na Bay Area, as realizadoras escolheram as mulheres a entrevistar. Foi escrito um argumento com base nas entrevistas preliminares, então apresentado a esses mesmos grupos e à equipa do Newsreel para aprovação. Os membros da equipa partilharam o trabalho em cada área de produção: financiamento (durante toda a produção), argumento, rodagem e montagem. O Newsreel tenta dissipar os mitos que têm sido criados sobre estudantes, radicais, negros, pessoas pobres e mulheres apresentando as suas perspectivas e esclarecimentos dos acontecimentos que têm vindo a acontecer neste país. O tema abarca tópicos domésticos – agitação estudantil, a crise urbana, o movimento operário, as lutas no Terceiro Mundo – e questões internacionais. Estes filmes são realizados em articulação com pessoas da comunidade e implicados no assunto. São as pessoas, directamente envolvidas, que dizem o que pensam nos filmes Newsreel."

A declaração de princípios colhe de facto em THE WOMAN'S FILM. Tomam a palavra mulheres trabalhadoras e donas de casa (duplamente trabalhadoras, portanto) brancas e negras, que se sentiram defraudadas pelo casamento, e sentem na pele a exclusão a que são votadas pela estrutura social americana em que vivem, a par de uma concomitante violência psicológica, social, económica. São também mulheres levadas por essa consciência ao impulso solidário da passagem à acção junto das respectivas comunidades e à sua escala. Discorrendo sobre o casamento, o trabalho dentro e fora de casa, a guerra, o racismo, etc., etc., ouvem-se, por exemplo, uma mãe de muitos filhos, uma jovem mãe proibida pela segurança social de ter namorados, uma operária fabril, uma jovem assistente numa editora a quem é pedido que sirva cafés.

As experiências são individuais e quase sempre individualmente relatadas para a câmara que ora fixa as entrevistadas ora divaga por imagens noticiosas e fotográficas num registo montagem-colagem, que reenvia para os mercados de escravos, combates idos e contemporâneos do filme. Revolucionário? Com certeza.

Maria João Madeira